

**Dr. Steven D. Mathewson,
Pregando Narrativas do Antigo Testamento,
Sessão 6: Quatro Perguntas para Passar da
Exegese à Construção do Sermão**

Aqui é o Dr. Stephen D. Mathewson, em uma série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a sexta sessão, "Quatro perguntas para a transição da exegese para a construção do sermão".

Nesta sessão, gostaria de abordar quatro perguntas que o ajudarão a passar da exegese do seu sermão, o estudo do texto, para a construção do sermão, para a elaboração do seu sermão.

Em seu livro "No Ar Rarefeito", John Krakauer descreve o que sentiu ao chegar ao topo do Monte Everest, o ponto mais alto do mundo, com 8.848 metros. Ele disse que alcançar o topo do Everest deveria desencadear uma onda de intensa euforia, mesmo diante de grandes dificuldades. Afinal, eu acabara de atingir um objetivo que almejava desde a infância, mas o cume era apenas a metade do caminho.

Qualquer impulso que eu pudesse ter sentido de autogratisação foi extinto pela apreensão avassaladora em relação à longa e perigosa descida que me aguardava. David Brexhears é outro alpinista bastante conhecido. Ele é, na verdade, o primeiro americano a escalar o Everest duas vezes.

E ele concorda com isso. E oferece este conselho aos alpinistas: ele diz que chegar ao cume é a parte fácil.

O difícil é descer. E acho que é assim que funciona com a pregação das narrativas do Antigo Testamento. É como uma expedição ao Everest.

Quando você chega ao ápice exegético, parabéns, isso é uma conquista, você descobriu a mensagem teológica da narrativa. Mas, honestamente, essa é a parte fácil. O difícil é voltar e transmitir a mensagem à congregação, à igreja, às pessoas para quem você está pregando.

Essa é a parte difícil. Então, eu sugiro que um ótimo ponto de partida, depois de você ter feito seu trabalho exegético e estar pronto para compartilhar o que aprendeu com as pessoas para quem você está pregando, é analisar a expressão exegética da sua ideia principal, fazendo e respondendo a quatro perguntas. A primeira pergunta é: como essa mensagem teológica se conecta à narrativa bíblica? Novamente, toda narrativa do Antigo Testamento que pregamos pertence a uma narrativa maior, ao que chamamos de metanarrativa, que encontra seu centro em Jesus, o Messias.

N.T. Wright observou que o Antigo Testamento é uma história em busca de uma conclusão e, como ele observou, essa conclusão deve incorporar a plena libertação e redenção de Israel, devendo corresponder e derivar do restante da narrativa do Antigo Testamento. E, claro, é isso que o Novo Testamento faz. E acredito que é isso que os pregadores cristãos também devem fazer.

Isso nos leva ao mundo da teologia bíblica, que se concentra em traçar o arco da narrativa bíblica, observando o desenvolvimento de temas principais, como aliança ou redenção, ou templo, isto é, a presença de Deus, a imagem de Deus, a cidade de Deus, o reino de Deus e muitos outros temas. Não tenho certeza se é aconselhável reduzir o centro ou o princípio organizador do Antigo Testamento a um tema específico, mas acho possível resumir a narrativa bíblica em uma frase, e minha sugestão é a seguinte: eu diria que a Bíblia é a história de Deus restabelecendo o dom da sua presença. Veja bem, a Bíblia começa e termina em um jardim paradisíaco onde Deus habita com o seu povo.

A história se desenrola desde um possível local de construção em Gênesis 1 e 2 até uma cidade completa em Apocalipse 21 e 22. E, nesse meio tempo, Deus habita com seu povo em diversos templos. Na verdade, o Éden era como o primeiro templo.

Era onde Deus habitava com o seu povo. Depois havia o tabernáculo e, em seguida, o próprio templo que Salomão construiu. E, claro, se você estudar esses locais, verá que eles continham imagens e obras de arte que, de certa forma, remetiam e refletiam as condições do Éden.

Então tínhamos o tabernáculo, o templo, depois Jesus, Emanuel, Deus conosco, que se descreveu como um templo em João 2. E então, eventualmente, a igreja, sendo a igreja também um templo. Agora, nada disso nega que a história das Escrituras seja a história da redenção. Já houve pessoas que contestaram e disseram: "Bem, sempre me ensinaram que a Bíblia é uma história de redenção".

Eu digo, sim, absolutamente. Mas muitas vezes pensamos em redenção de quê? Bem, redenção do pecado, da escravidão. Mas para o que estamos sendo redimidos? E isso significa voltar à vida na presença de Deus.

E o herói desta história, claro, é aquele que realizou isso por nós, Jesus, o Messias, o Cordeiro de Deus que nos redimiu pelo seu sangue. Agora, como exatamente estabelecemos a conexão entre a narrativa que temos estudado e a que planejamos pregar? Como a conectamos à narrativa maior da Bíblia? Bem, primeiro, os pregadores precisam lembrar aos ouvintes que eles só podem responder à mensagem profética ou ao impulso ético da narrativa por meio da graça que é provida por Jesus Cristo e seu evangelho. Segundo, os ouvintes precisam entender

quaisquer linhas de continuidade ou descontinuidade entre a mensagem teológica dessa narrativa do Antigo Testamento e a nova aliança.

Quer dizer, como podemos proclamar uma mensagem, uma narrativa, a partir de Juízes ou Crônicas, sem discutir como sua mensagem teológica é moldada por seu cumprimento em Cristo? Portanto, precisamos abordar essas questões, com certeza. Ora, pode haver até mesmo alguns temas bíblicos importantes na narrativa que encontram seu cumprimento final em Jesus Cristo. Às vezes, também, podemos observar como um texto prefigura ou antecipa Cristo.

Não acho que precisemos fazer isso sempre. Mas, honestamente, é mais natural em alguns casos, quando temos personagens como Davi, que sabemos pelo Novo Testamento ser filho de Jesus. Então, é um pouco mais natural passar de Davi para Jesus do que para outros personagens.

Então, em 1 Samuel 17, ao pensar em como Davi antecipa Jesus, quero dizer, ele é o rei guerreiro supremo que derrota a besta e os reis da terra que tentam se opor ao Deus vivo, como em Apocalipse 19 e seguintes, assim como Golias fez. Também seria apropriado destacar que Jesus é a verdadeira e melhor Abigail ao pregar sobre 1 Samuel 25, ou talvez o verdadeiro e melhor Josias ao pregar sobre 1 Reis 22 e 23. Mas eu não faço isso todas as vezes que prego.

Acho que se ficarmos obcecados com cada sermão, buscando provar que Jesus é o personagem verdadeiro e superior, essa talvez não seja a melhor abordagem. Não queremos forçar a tipologia e deixar que ela ofusque a mensagem teológica do texto. Mas é algo que queremos fazer.

Muito bem. Uma segunda questão a ser usada na análise da ideia exegética, que é o resumo de todo o nosso estudo exegético, é responder à pergunta: "O que meus ouvintes precisam que eu explique?". Ora, Haddon Robinson, um dos decanos da pregação expositiva, escreveu o livro-texto "Pregação Bíblica", que está em sua quarta edição, e relata sua eficácia ao longo dos anos. Ele identifica essa questão e as duas próximas que apresentarei como questões funcionais ou de desenvolvimento que os pregadores precisam fazer.

E acho especialmente útil perguntar sobre meus ouvintes. Essas perguntas nos ajudam a descobrir quando nossos ouvintes dizem: "Não entendi isso", e precisarão de uma explicação, ou talvez de validação, ou ainda de aplicação prática. Portanto, essas perguntas abordam nossa compreensão, nossas crenças e nosso comportamento.

Então, começamos com esta primeira pergunta. É realmente a pergunta da explicação. O que meus ouvintes precisam que eu explique? Onde eles vão dizer: "Não entendi isso"? Aliás, existe uma ordem lógica para essas perguntas.

Robinson fala sobre a necessidade de explicar, provar e aplicar. Quando explicamos, estamos respondendo à pergunta: "Bem, o que isso significa? Eu não entendo isso. Ajude-me a entender."

Quando chegamos à questão da comprovação ou validação, é aqui que nossos ouvintes dizem: "Não tenho certeza se acredito nisso. Entendo o que você está dizendo, mas não sei se posso acreditar. Isso é realmente verdade?". E então, claro, a questão da aplicação é: "Bem, como isso se relaciona com a minha vida? Sabe, que diferença isso faz?". E existe uma ordem lógica para essas questões.

Você não pode aplicar o que não aceita, e não pode aceitar o que não entende. Isso não significa que, ao pregarmos, tenhamos que abordá-los em uma ordem estrita. Significa apenas que é assim que essas questões funcionam.

Então, ao pensar em uma narrativa do Antigo Testamento, se estivermos pregando, digamos, o livro de Rute, talvez seja necessário explicar o significado de nomes como Elimeleque, Noemi, Rute e Boaz. Já falamos sobre esses nomes em uma sessão anterior. Talvez seja preciso explicar as implicações teológicas de deixar a terra de Israel para ir para Moabe.

Se você fizer uma declaração e disser: "Elimeleque, 'Deus é meu rei', virou as costas para Deus, seu rei, quando deixou Israel para ir para Moabe", alguns ouvintes podem dizer: "Bem, eu não entendo isso. Por que isso está errado? Seria como se eu me mudasse de Nova York para Birmingham, Alabama. O que há de errado nisso?". Você talvez precise explicar a situação difícil de uma viúva sem filhos em Israel. Não é fácil para nenhuma mulher hoje em dia ser viúva.

Eu sei disso. Penso na minha própria mãe, que foi viúva durante os últimos 20 anos de sua vida. Mas, nossa, em Israel, legalmente, a situação era bem diferente.

Talvez você precise explicar o conceito de parente-resgatador, ou o costume de permitir que os pobres colham espigas na beira do campo. Aliás, isso não significa que você precise gastar cinco minutos em cada um desses pontos, ou seu sermão já terá terminado. Talvez alguns deles você possa responder em uma ou duas frases.

Outros podem precisar de um pouco mais de tempo. Talvez seus ouvintes se perguntem: "Bem, e quanto à expressão 'amor leal'?" Ou, se você falar sobre o amor constante, a bondade amorosa, seja qual for a tradução usada na sua pregação, talvez precise explicar. Talvez o significado de Rute descobrindo os pés de Boaz.

E há muitas perguntas sobre isso. E então, por que Boaz se sentou no portão da cidade? E o que os anciãos estavam fazendo ali? E a cerimônia de tirar as sandálias? Aliás, até o próprio autor explica isso para nós, porque aparentemente nem os

primeiros leitores estavam familiarizados com ela. Então, ao analisarmos essas narrativas, precisamos sempre pensar: o que precisamos explicar? E, novamente, não podemos explicar tudo.

E se você tiver uma lista mais longa, como a que acabei de lhe dar, terá que explicar algumas coisas rapidamente. Mas isso é muito útil para evitar que expliquemos demais, por um lado, e também que expliquemos de menos, presumindo que as pessoas conhecem bem a cultura em que essas histórias acontecem, porque muitas vezes não é o caso. Muito bem, a terceira pergunta a ser usada na análise da ideia exegética é a pergunta de validação, a pergunta de comprovação.

E a questão é: onde meus ouvintes dizem: "Eu discordo disso"? Novamente, o foco aqui é a validade. Haddon Robinson costumava chamar isso de "questão de C.S. Lewis", porque ele era muito bom nisso. Hoje em dia, eu costumo chamar de "questão de Tim Keller", porque o falecido Tim Keller era muito bom em antecipar e responder às objeções das pessoas.

Portanto, precisamos fazer isso ao pregarmos essas passagens. Qualquer pessoa que leve a Bíblia a sério pode ter dificuldades com suas afirmações de verdade, e por isso precisamos ter certeza de que estamos antecipando essas perguntas. Refleti sobre isso recentemente quando preguei sobre o livro de Ester.

E sim, eu realmente preguei sobre isso em um sermão inteiro. Isso pode ser um desafio, mas a vantagem é que se torna uma narrativa completa. E você só chega à resolução perto do final.

Então, minha grande ideia para o livro de Ester era, e sei que outros tiveram ideias semelhantes, que mesmo quando você não pode ver nem ouvir a Deus, Ele ainda está no controle do seu destino. Agora, pode haver um ouvinte que ouça isso e diga: "Será que isso é mesmo verdade? Não tenho certeza se consigo aceitar". Mas, na verdade, as respostas para essa objeção vêm diretamente do texto.

Você não precisa inventar coisas de outro lugar. Está tudo lá no texto. Você pode mostrar, através da história de Ester, como Deus supera o clima espiritual ruim ao redor de Ester e do povo.

Você pode mostrar como Ele vence pessoas invencíveis em posições de poder, como Ele supera os eventos imprevisíveis da vida. Quero dizer, até mesmo o sorteio determinou quando a sentença contra o povo judeu seria executada. E isso lhes deu tempo para se prepararem e se defenderem.

Você pode mostrar como Deus vence momentos em que as circunstâncias simplesmente não mudam. E Ele faz isso de maneiras que você não reconhecerá se não observar com atenção. É isso que acontece no livro de Ester.

Muito bem, a pergunta final a ser usada na análise da ideia exegética é a questão da aplicação. E a pergunta é: como Deus quer que eu responda a esta mensagem teológica? Esta questão se baseia em 2 Timóteo 3:16-17, que diz que toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem e a mulher de Deus sejam aptos e plenamente preparados para toda boa obra. O desafio, porém, como meu mentor Haddon Robinson costumava dizer, é que mais heresias são pregadas na aplicação do que na exegese bíblica.

E na primeira vez que ouvi isso, meio que ri e pensei: "É, ele provavelmente está exagerando". Mas quanto mais prego e mais ouço outros pregarem, mais acho que é verdade. Então, uma das armadilhas que enfrentamos ao aplicar a literatura narrativa do Antigo Testamento à vida de nossos ouvintes é a moralização.

E moralizar é simplesmente reduzir a aplicação de lições morais extraídas da vida dos personagens, especialmente lições que são periféricas à mensagem teológica ou ao viés ético da narrativa. É a isso que realmente devemos estar atentos. Agora, não quero exagerar o problema, porque acho que algumas pessoas vão na direção oposta.

Eles estão tão preocupados em moralizar que quase têm medo de dizer: "É isso que esta narrativa está chamando o povo de Deus a fazer". E não precisamos nos preocupar ou temer isso. Quero dizer, lembrem-se, o apóstolo Paulo reconheceu a validade de examinar as narrativas do Antigo Testamento em busca de exemplos de como ou como não viver.

Primeira Coríntios 10, versículos 6 e 11. E, novamente, o fato de as palavras gregas ali serem tupoi e tupikos, que nos dão a palavra "tipo", quando lidas no contexto, deixa claro que Paulo está falando de exemplos. Daniel Doriani, que refletiu bastante sobre a aplicação prática, diz o seguinte: se alguns se apressam em extrair lições éticas das Escrituras, outros temem tanto o moralismo que resistem à ideia de usar narrativas para transmitir lições morais.

Mas o próprio Jesus justifica a busca por princípios éticos a partir de narrativas bíblicas. Penso que devemos ter cuidado com algumas coisas. Uma delas é a aplicação que se baseia numa leitura falha ou descuidada de uma narrativa.

E é por isso que dedicamos tanto tempo a discutir como estudar uma narrativa. Por exemplo, alguns pregadores usaram a passagem em que Gideão coloca o velo na eira. Isso está em Juízes 6:36-40.

Eles usaram essa narrativa como exemplo de como descobrir a vontade de Deus buscando um sinal. Mas isso não vem ao caso, porque, como sempre digo às

peessoas, para que isso funcione, primeiro é preciso saber qual é a vontade de Deus. Afinal, Gideão já sabia qual era a vontade de Deus.

Ele simplesmente não tinha fé para fazê-lo. E buscou reafirmação. Mary Evans, uma excelente estudiosa, afirma que a necessidade de Gideão pela ação repetida de Deus demonstra que os sinais, por si só, raramente são realmente convincentes.

Então, há casos em que, às vezes, ao lidar com uma narrativa de forma descuidada, forçando-a a fazer algo que não faz, deixando de reconhecer que Gideão já conhecia a vontade de Deus, e então, se você tenta transformar isso em um paradigma para encontrar a vontade de Deus, você se depara com problemas. Um segundo problema é ter uma aplicação ou basear uma aplicação em detalhes que são periféricos à mensagem teológica que está sendo comunicada pelo autor. Ora, esses detalhes podem ser cruciais para a narrativa, mas não são, de fato, o cerne ético da narrativa.

Por exemplo, já ouvi sermões sobre 2 Samuel 11 e 12 que se concentram na falha do Rei Davi em ir à guerra com seu exército na primavera. Se ele tivesse ido, não teria se colocado em circunstâncias em que enfrentou tentações sexuais, e isso é verdade. Mas o narrador nunca nos diz se Davi estava certo ou errado em ficar no palácio. Talvez ele tivesse um bom motivo. Suspeito que talvez não, mas não sei ao certo.

Sim, é verdade que períodos de ociosidade podem nos tornar mais vulneráveis à tentação, mas não é exatamente essa a direção que o autor está dando à narrativa, então acho que precisamos ter muita cautela ao tirar grandes conclusões disso. Sim, eu já ouvi pregadores também usarem a parábola de Natã como exemplo, incentivando os ouvintes a criarem uma parábola sempre que precisarem confrontar alguém com seu pecado, e não estou dizendo que isso seja uma prática ruim. Talvez haja, e acho que provavelmente há, alguma sabedoria nisso.

Eu simplesmente não tenho certeza se é realmente para onde a narrativa está caminhando, e se dissermos que essas são as duas principais aplicações dessa narrativa, perderemos o ponto principal. Então, como aplicamos as narrativas do Antigo Testamento à vida dos crentes da Nova Aliança? Permita-me sugerir mais quatro perguntas para você, e talvez você esteja pensando: "Estou cansado de tantas perguntas. Só quero pregar a Bíblia."

Bem, adivinhe só? É preciso muita reflexão para isso e, eventualmente, talvez você aprenda a fazer essas perguntas intuitivamente, mas acho que são essas as questões com as quais precisamos lidar. Uma delas é: devo basear a aplicação no que os personagens fazem e dizem? Novamente, isso é complicado porque, às vezes, as ações positivas ou negativas de um personagem se alinham com a mensagem teológica da narrativa, mas às vezes não. Acho que Juízes 3, 12 a 30, é um ótimo exemplo.

Quando prego esta mensagem, refiro-me à história de Eúde. Lembram-se de Eúde e do rei Eglom? A minha ideia teológica, a minha grande ideia, é que Deus liberta o seu povo de situações desesperadoras de maneiras inesperadas. Muitas vezes, quando pregam sobre isso, os pregadores incentivam os seus ouvintes a usar as suas características únicas ou as suas fraquezas para servir a Deus, tal como Eúde usou o facto de ser canhoto.

E, no entanto, no clímax da narrativa, Judá faz uma declaração que nos dá uma pista sobre a mensagem pretendida pelo autor. Lembrem-se, mais uma vez, da importância da fala nessas narrativas? Judá diz: "Sigam-me, pois o Senhor entregou Moabe, seu inimigo, em suas mãos". Vejam, esta é uma história sobre como Deus livra seu povo de situações aparentemente desesperadoras.

E eu diria que o fato de Eúde ser canhoto é apenas uma das maneiras inesperadas que Deus usou para trazer a libertação. Quero dizer, há surpresas em todos os pontos da história. Um guerreiro canhoto de uma tribo de destros? O nome Benjamim significa filho da mão direita, e ainda assim Eúde, esse benjamita, era canhoto.

Há uma mensagem secreta, há uma fuga possibilitada pelo atraso causado pelo cheiro de um rei que presumivelmente estava indo ao banheiro. Sim, isso está na narrativa. Portanto, eu diria que é melhor desafiar os ouvintes a não desistirem em situações desesperadoras, em vez de usarem suas características únicas para servir a Deus.

Então, esse é um exemplo do que quero dizer com isso. Em segundo lugar, acho que sempre temos que perguntar: "Qual é o objetivo ético da narrativa? Ou, em outras palavras, qual advertência ou exortação a história oferece? Já falamos sobre isso. Lembre-se, a ideia principal declara a mensagem teológica da narrativa, e essa mensagem implica uma exortação ou um objetivo ético, mas nem sempre o expressa explicitamente."

É assim: sempre temos que nos perguntar o que um narrador está fazendo com o que está dizendo, e isso se baseia em uma distinção útil na linguística entre semântica e pragmática. Novamente, você não usará essas palavras quando estiver pregando, mas semântica se refere ao que algo significa, e pragmática se refere a como esse dito funciona em seu contexto. Então, por exemplo, aqui está uma afirmação: um carro está vindo.

Certo, o que isso significa? Bem, em termos de semântica, significa que um veículo de quatro rodas está se aproximando. No entanto, em termos práticos, essa afirmação pode funcionar tanto como um aviso quanto como um incentivo. Se meus netos estiverem jogando futebol no quintal da frente e, às vezes, precisarem ir até a

rua para pegar a bola depois de um passe errado, o que acontece com bastante frequência com meus netos, eu direi isso como um aviso.

Eu digo: "Um carro está vindo", e eles param porque sabem que não é seguro sair na rua. Mas se eles estão esperando impacientemente o pai voltar com a pizza que pediram, essa mesma frase pode servir de incentivo. E se eles estão perguntando: "Ah, quando meu pai vai chegar?", eu posso dizer: "Um carro está vindo".

Bem, então eu não estou avisando para eles ficarem longe da rua. Estou tentando encorajá-los. Ei, talvez esse seja o seu pai.

Da mesma forma, os pregadores precisam determinar como a mensagem teológica da narrativa será recebida. Como ela funcionará? Será um encorajamento? Uma advertência? Um chamado à ação? Como mencionei anteriormente, a ideia teológica de Juízes 3:12-30 é que Deus livra seu povo de situações desesperadoras de maneiras inesperadas. Eu diria que funciona como um desafio para confiar em Deus, ou talvez até mesmo como um encorajamento para aqueles que estão prestes a desistir.

Muito bem. Acho que também precisamos perguntar: como a mensagem da narrativa se relaciona com um crente da nova aliança? Como sugerem William Klein, Craig Blomberg e Robert Hubbard, não podemos presumir que todo o Antigo Testamento se transponha para o Novo Testamento sem qualquer mudança de aplicação, nem que nada se transponha inalterado. Em vez disso, devemos examinar cada texto para descobrir como ele foi cumprido em Cristo, e por "cumprido", em Mateus 5:17, que se refere a ser levado à sua expressão completa, e, claro, isso nos leva de volta à nossa discussão sobre teologia bíblica, não é? A narrativa, o contexto de toda a Bíblia, nos ajudará a determinar o que continua e o que se descontinua à medida que passamos da Antiga Aliança, que é o que as narrativas do Antigo Testamento refletem, para a Nova Aliança.

Então, por exemplo, em Juízes 17 e 18, o problema dos ídolos, como pregamos sobre isso? Bem, sabemos que esse problema não é exclusivo do Antigo Testamento. Quero dizer, o apóstolo João termina sua primeira epístola advertindo seus destinatários a se guardarem dos ídolos, o que quase surge do nada no final de 1 João. Meus filhinhos, guardem-se dos ídolos, porque isso era algo muito sério.

Em Colossenses capítulo 3, o apóstolo Paulo equipara a ganância à idolatria. Portanto, os ídolos ainda eram um problema no Novo Testamento, e isso nos ajuda a refletir sobre como pregar esse texto. Outras coisas podem não ser relevantes.

Muito bem, finalmente, qual a implicação da mensagem teológica para as situações concretas que meus ouvintes enfrentam? E este é um grande desafio. Estou convencido de que uma aplicação vaga leva a uma vida cristã vaga. E se simplesmente dissermos aos nossos ouvintes: "Vocês precisam aplicar isso no

trabalho", ótimo, mas como isso se traduz na prática? Estou convencido de que precisamos mostrar a eles.

Precisamos ser concretos. Isso pode significar dar dois ou três exemplos bem breves de como é vivenciar isso em nossos CEPs específicos, na época em que vivemos. Isso é muito importante.

Precisamos pensar no nosso povo. Matthew Kim escreveu um livro chamado "Pregação com Inteligência Cultural", que vale a pena ler. Ele nos lembra que amar as pessoas para quem pregamos exige que as conheçamos além de seus nomes e profissões.

Quem são eles? Com quais culturas e subculturas eles se identificam? Quais são os seus sonhos? Do que eles têm medo? O que lhes é mais precioso? O que lhes causa dor? Este também é um bom momento para transformar sua ideia exegética em uma ideia para a pregação. Então, você refletiu sobre essas questões e está quase pronto para finalmente começar a elaborar seu sermão, mas precisa pensar em como transformar sua ideia exegética em uma ideia para a pregação. Lembre-se, as pessoas frequentemente agem de acordo com ideias. Não apenas frequentemente, é o que elas fazem, mas as ideias só se consolidam quando os comunicadores as apresentam da maneira correta.

Há alguns anos, a United Parcel Service, UPS, afirmou que administrava o negócio com a máxima eficiência no setor de entregas. E essa afirmação funcionou porque era clara, concisa e concreta, não é mesmo? E criativa. Consiste em apenas nove palavras.

A linguagem é vívida, brinca com a palavra "shipping" (envio). E, como resultado, a ideia é memorável e cativante. Portanto, precisamos fazer o mesmo para que nossas ideias se fixem na memória.

Isso não significa que precisamos ser os pregadores mais inteligentes do planeta. Garanto que não sou, mas preciso me esforçar bastante, e vale a pena. Precisamos ser criativos de algumas maneiras, como em Provérbios.

Então, por exemplo, aqui vai uma ideia. O que você acha dela? A ideia é a seguinte: um dos valores de um relacionamento é a maneira como ambas as partes promovem o crescimento pessoal uma da outra. Bem, essa ideia é verdadeira, mas provavelmente esquecível, não é? É bastante clara, mas não muito convincente.

No entanto, se você disser isso dessa forma, vai ficar gravado na memória. Assim como o ferro afia o ferro, o homem afia o seu companheiro. E essa afirmação, claro, está em Provérbios 27.

Como pregadores, trabalhamos com palavras, então vale a pena investir tempo e esforço para apresentar nossa ideia teológica de uma forma mais memorável e convincente. Sugiro que, se você conseguir expressá-la em nove a quinze palavras, isso será útil. Talvez nem sempre seja possível, mas essa é uma boa abordagem.

Agora, eu diria o seguinte: defendo que clareza é melhor do que esperteza. E embora seja bom ser criativo, geralmente não é bom ser esperteza demais. Isso pode fazer com que grandes ideias teológicas soem banais, triviais ou tolas.

Quer dizer, não estamos criando um slogan publicitário para vender pasta de dente. Estamos comunicando a verdade transformadora da palavra de Deus. Por isso, queremos ter muito cuidado com isso.

Quando prego em Primeiro Samuel, minha ideia principal costuma ser que Deus conquista vitórias por meio de líderes que confiam em seu poder para salvar, e isso provavelmente é suficiente. Outra possibilidade é que, quando Deus se envolve em grandes negócios, a fé sempre fecha o negócio. Gosto dessa ideia.

Acho isso criativo, mas não tenho certeza se ultrapassa a linha tênue entre ser tão inteligente e se tornar banal. Portanto, precisamos ter cuidado. Quando eu pregar sobre Juízes 17 e 18, posso simplesmente usar uma afirmação como esta: a idolatria do povo de Deus fará com que eles percam a presença de Deus.

Mas isso não soa tão pessoal ou coloquial quanto eu gostaria. Então, brinquei um pouco com isso. E a ideia me impactou com muito mais força quando mudei a primeira parte para dizer: quando buscamos a idolatria, perdemos a presença de Deus.

Você percebe a diferença? A idolatria do povo de Deus os impede de sentir a presença de Deus. Mas dizer que, ao praticarmos a idolatria, perdemos a presença de Deus, já é bem mais conciso.

Mas eu posso até fazer isso, meio que improvisando a partir da frase em 1 Tessalonicenses 1:9 sobre como os crentes tessalonicenses se afastam de Deus, ou quando se afastam dos ídolos para se voltarem para Deus, eu simplesmente invertei a situação e disse: quando nos afastamos de Deus para os ídolos, perdemos a presença de Deus. E essa pode ser outra maneira de dizer isso. Claro, os ouvintes que não estão tão familiarizados com a Bíblia não vão perceber isso, mas a formulação pode chamar a atenção de alguns ouvintes que conhecem as Escrituras.

Muito bem. Também é útil pensar no propósito do sermão neste ponto. O que você deseja alcançar? O que você espera ver o Espírito de Deus fazer na vida do seu povo? Muito bem.

Finalmente, finalmente, estamos prontos para prosseguir. Refletimos bastante sobre o assunto, mas quando você pensa dessa forma, e o faz com oração, você consegue elaborar uma mensagem que o Espírito de Deus pode usar para fazer uma diferença real e significativa na vida dos seus ouvintes. Muito bem.

Finalmente, chegou a hora de definir o formato do nosso sermão. Hora de esboçá-lo. Trabalharemos nisso na nossa próxima sessão.

Aqui é o Dr. Stephen D. Mathewson, em uma série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a sexta sessão, "Quatro perguntas para passar da exegese à construção do sermão".